

“Remando contra a maré...”

Chegou no mês de Agosto, olhos cor do céu, loira, pele branca e rosada.

Os tempos eram difíceis, anos trinta do século passado, mas seu pai sempre teve a bênção do trabalho, sua mãe quando tinha oportunidade trabalhava também, pois eram pessoas pobres e trabalhavam no campo e o salário era baixo.

Na qualidade de primogênita, coube-lhe a missão de cuidar dos seus dois irmãos, dois rapazes que foram seus companheiros de infortúnio.

Seu pai nunca se preocupou com eles e todo o dinheiro que ganhava, era apenas para sustentar os seus vícios deprimentes.

Como se isso não bastasse, quando chegava a casa, maltratava mulher e filhos; assim estes, inúmeras vezes se escondiam numa seara de trigo que havia próximo de sua casa e só no dia seguinte podiam regressar a casa.

Ao lado deles morava um casal de velhotes, o quintal era comum e estes depressa se aperceberam da triste situação em que vivia aquela mãe e aquelas crianças; então, generosas aquelas duas pessoas, todas as noites deixavam aberto o seu postigo da porta do quintal, para que os vizinhos se pudessem abrigar, escapando assim à fúria do pai.

Esta menina que tinha ao seu cuidado os irmãos, não teve a possibilidade de frequentar a escola, foi graças à generosidade de uma vizinha que aprendeu o alfabeto e sozinha começou a juntar as letras e deste modo aprendeu a ler e escrever.

Era já uma jovem e arranjou um namorado, claro que o pai se impôs e os maus tratos continuavam, então o rapaz resolveu levá-la para casa dele. Não podiam casar porque ela não tinha ainda vinte e um anos e o pai não dava autorização. Quando ela atingiu a maioridade casaram então.

O jovem casal teve dois filhos e o seu desejo era comprar uma casinha onde vivessem os quatro tranquilamente. Conseguiram realizar esse sonho; mais tarde venderam essa casa e compraram uma maior.

Em terras pequenas, onde todas as pessoas se conhecem, infelizmente aquelas que se destacam pelo seu trabalho e pela sua inteligência, são muitas vezes invejadas e maltratadas.

Entretanto os filhos cresceram, foram para a escola; a menina que aprendeu a ler sozinha teve o desejo de proporcionar aos filhos mais instrução, assim o filho tirou um curso agrícola e a filha fez o nono ano. Nessa altura a vida correu mal e perderam a casa.

Esta mulher corajosa e trabalhadora não baixou os braços, experimentou outros trabalhos e acabou por abrir um negócio, esse sim permitiu-lhe comprar nova habitação.

A vida continuou e com o trabalho honesto de ambos, sempre tiveram o suficiente para viver. Os filhos casaram e estes pais na medida das suas possibilidades foram dando algum apoio aos filhos.

Passado pouco tempo sofreram o golpe mais rude de suas vidas; o filho mais velho afastou-se e nunca mais tiveram o prazer de estar com ele. Este corte de relações foi muito doloroso, durante muito tempo acalentaram em seus corações a esperança de um regresso que não chegou a acontecer.

O tempo passou e a filha que vivia numa terra próxima, convidou-os a vir para junto dela, para que se sentissem mais acompanhados. Assim aconteceu, vieram mas não foram bem acolhidos, porque algumas pessoas não sabem que cada pessoa ocupa apenas o lugar que lhe pertence no coração das outras; ninguém ocupa o lugar de ninguém e apenas o seu próprio lugar.

A vida encarregou-se de criar as condições necessárias para que eles passassem os últimos anos de vida na companhia da filha.

Um dia o marido, pai e avô extremoso, partiu, deixando-os mais pobres sem a sua agradável presença, sem o seu carinho e a sua boa disposição. A menina confidenciou-me: voltava a casar com ele de novo, se isso fosse possível. Confesso que fiquei muito sensibilizada e feliz.

A vida não pára e a velhota cheia de boa vontade de ajudar, resolveu abrir um negócio para dar trabalho a uma jovem amiga, entrando ela com o capital.

Teve a infelicidade de arrendar uma casa, propriedade de um tal vigarista desta cidade, que arranjou maneira de a fazer gastar as suas poupanças; o negócio foi apenas uma miragem.

Foi mais um duro golpe, num coração envelhecido e doente; aguentou-se apenas dois anos, um dia também ela nos deixou.

O desejo de voltar a ver o filho não se concretizou; levou com ela algumas questões, que tenho a certeza neste momento já foram respondidas.

Foi assim a vida da menina que cedo saía para escapar aos maus tratos do pai; da corajosa mulher que lutou a vida toda contra adversidades.

Maria Caeiro Pajote

Universidade Sénior de Moura